A dimensão organizacional do Turismo de Base Comunitária (TBC): uma análise crítica da produção em periódicos de 2006 a 2025 [1]

Kellen da Silva Coelho[2]
Francisco Antônio dos Anjos[3]

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária. Dimensão Organizacional. Práticas Organizacionais Alternativas.

1. Introdução

O estudo de práticas organizações no campo do turismo, vem sendo muito focadas em modelos generalistas, tanto no campo da política pública quanto da gestão empresarial. Apesar dos estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre formas alternativas de organização, segue uma inquietação sobre práticas alternativas de organizar que signifiquem, efetivamente, rupturas com um discurso político pautado na concepção de organização sob um enfoque sistêmico estrutural gerencialista, que é o modelo hegemônico de organizar.

Misoczky, Flores e Böhm (2008) sugerem que os estudos organizacionais devem explorar novas possibilidades, tanto em abordagens processuais quanto em outras disciplinas, com o objetivo de não apenas criticar o gerencialismo, mas também de desenvolver estratégias que politizem a teoria organizacional. Essa perspectiva é especialmente relevante para o campo do turismo, onde é fundamental entender as dinâmicas de resistência e os antagonismos presentes nas relações sociais e nas lutas por justiça. Para superar as limitações tradicionais da gestão organizacional, Spicer e Böhm (2006) afirmam que é essencial conhecer as formas de organização que grupos adotam para se opor ao discurso dominante da gestão. Nesse contexto, o Turismo de Base Comunitária (TBC) emerge como um campo promissor para análise, pois

[1] Agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) – Bolsa de Pós- Doutorado.
[2] Doutora em Administração (PPGA-UFSC) e Pós-doutoranda em Turismo e Hotelaria (PPGTH - UNIVALI). Professora do Departamento de Administração da UFSC. https://lattes.cnpq.br/3964745371675593 kellen.coelho@ufsc.br
[3] Doutor em Engenharia de Produção/Gestão Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil (2004). Professor da Universidade do Vale do Itajaí, Brasil. http://lattes.cnpq.br/5675009830173154 anjos@univali.br

representa uma prática turística em que as comunidades locais, como populações tradicionais, trabalhadores rurais e representantes de culturas indígenas, são os protagonistas. Isso contrasta com modelos turísticos baseados em princípios neoliberais, que frequentemente priorizam uma abordagem instrumental e teleológica. Assim, o TBC não apenas desafia as normas hegemônicas do turismo, mas também promove um modelo mais justo e sustentável, destacando a importância do empoderamento comunitário e da preservação cultural.

De toda forma, é fundamental sublinhar que o TBC se configura em um cenário repleto de abordagens e referências (BARTHOLO et al, 2009). Ele é uma atividade intrinsecamente diversa, o que torna inadequado o uso de modelos reducionistas, com visão de curto alcance. Cada iniciativa que se autodenomina "comunitária" é única, e resulta de diferentes contextos, histórias e atores. Por esse motivo, suas práticas organizativas podem também se mostrar diversas.

Estudos como o de Coelho (2013) e Barcellos e Dellagnelo (2013) evidenciaram que, diante da configuração da resistência a um modelo hegemônico, práticas alternativas de organizar têm se mostrado consonantes no sentido de favorecer seu propósito, resistindo também a um modelo tradicionalista e hegemônico de organização. Portanto, este trabalho se justifica com base na hipótese de que, no cerne do TBC, práticas alternativas de organização, que se contraponham a um modelo burocrático e tradicionalista de organizar, também o torna mais pleno no que diz respeito à sua aproximação com a essência de seus anseios e, dessa forma, a compreensão das diversas nuances pertinentes à sua dimensão do organizar faz todo sentido. À luz disso, este trabalho tem o objetivo de analisar o olhar concedido à dimensão organizacional nos casos apresentados nos artigos científicos sobre TBC, publicados nos últimos vinte (20) anos – 2006 a 2025, na base de dados Scopus. No campo do turismo, a base Scopus se apresenta como o mais amplo indexador que apresenta periódicos avaliados com abrangência internacional. O trabalho visa a, mais especificamente, identificar os aspectos organizacionais emergentes do campo; reconhecer possíveis indícios de práticas alternativas ao modelo hegemônico de organizar; analisar tais possiblidades e as limitações, que possam representar incongruências com os propósitos do TBC. Para tanto, coube respaldar este trabalho em um referencial teórico sobre a dimensão do organizar e o TBC.

Sobre a dimensão do organizar, buscou-se respaldo em um referencial teórico que sustentasse um encadeamento histórico a respeito de uma busca por rupturas com um modelo

burocrático, hegemônico, de organizar. As indagações sobre o conceito de organização já permeiam os estudos organizacionais há bastante tempo, e vêm sendo protagonizadas por uma perspectiva crítica, marcada também pela atuação de autores brasileiros, como Guerreiro Ramos e Mauricio Tragtenberg. De acordo com Böhm (2006), o conceito de organização, em grande proporção, tem se restringido a instituições gerenciais e empresas, situando-se como uma entidade formal dentro das estruturas da modernidade e do capitalismo, o que chamada de posicionamento. Nesse cenário, a burocracia se mantém como um modelo central, caracterizado por hierarquia, regras, divisão do trabalho e controle. Com o passar dos anos, houve, uma tentativa de ruptura com um modelo tradicional de organização, por meio das ditas "novas formas organizacionais", no entanto a lógica de dominação se manteve presente nesse desposicionamento. A partir disso, ele sugere a necessidade de um reposicionamento, que se baseia na ideia da incompletude, em que persiste a necessidade da abertura de novos horizontes teóricos que elucidem o entendimento da vivência organizacional ou para o uso de abordagens processuais (DUARTE e ALCADIPANI, 2016), o que requer uma exposição a outras possibilidades fertilizadas a partir da interação com outros campos disciplinares (MISOCZKI; FLORES; BÖHM, 2008); que no caso deste estudo, centra-se no TBC.

O termo TBC, propriamente dito, foi cunhado em meio aos de debates sobre desenvolvimento sustentável e práticas alternativas ao turismo convencional, no final do século XX. Embora o conceito tenha sido desenvolvido em várias regiões do mundo, o termo como é compreendido, atualmente, ganhou mais notoriedade e estrutura a partir dos anos 1990, com foco na inclusão das comunidades locais nos processos de organização do turismo, visando a um turismo mais sustentável e justo. Ele se caracteriza, marcantemente, pelo seu envolvimento ativo nas comunidades, que detenham o controle sobre as atividades turísticas, da gestão dos seus recursos e assim também da distribuição de benefícios por eles gerados. A sustentabilidade e a preservação também fazem parte da sua essência, uma vez que preza por práticas sustentáveis, pautadas no equilíbrio econômico, ambiental e cultural do turismo. Além disso, a justiça social e o empoderamento comunitário estão presentes no seu cerne, haja vista que no TBC são promovidas justiça social e distribuição equitativa dos lucros advindos do turismo. Dito isso, este trabalho se justifica não só por permitir essa transposição a um campo diverso de atuação, que é o turismo; mas também por permitir que reflexões especiais sejam tecidas a partir da dimensão organizacional das comunidades que se propõem a realizar TBC.

2. Metodologia

À luz desse referencial teórico e das pretensões apresentadas, foram eleitas etapas constituintes dos procedimentos metodológicos, prezando pela conformidade de suporte a este trabalho. Este estudo é classificado como um ensaio teórico e se baseou em artigos científicos delimitadas da seguinte forma: constantes na base de dados Scopus, nos idiomas português e inglês, em estágio final, all open acess, publicados em revistas, com territorialidade brasileira, que tivessem a palavra "community-based tourism", no corpo do seu título, no seu resumo ou nas suas palavras-chave, com recorte temporal de 2006 a 2025, mesmo cientes de que o termo "turismo de base comunitária" seja bem posterior ao ano de 2006, pois indícios de uma prévia discussão poderiam ter surgido.

Foram encontrados treze (13) e um (1) deles foi excluído por estar em duplicidade, totalizando (12) trabalhos: um (1) publicado em 2019, um (1) em 2020, um (1) em 2021, seis (6) em 2022, dois (2) em 2023 e um (1) em 2025. Com vistas a proporcionar um entendimento mais amplo da produção do organizar, não foram definidas, previamente, categorias de análise para o estudo da dimensão organizacional. Isso porque havia a expectativa de que emergissem insights alternativos aos estudos organizacionais taken for granted, no tocante ao campo do TBC. Já em relação à análise, o estudo foi direcionado por meio das seguintes dimensões: aspectos organizacionais contemplados, consonância/dissonância com modelo alternativo de organização, bem como suas limitações e possibilidades.

3. Resultados e Discussões

Diante do propósito deste estudo, que é analisar o olhar à dimensão organizacional nos casos apresentados nos artigos científicos em pauta e do formato deste trabalho, optou-se por apresentar, pontualmente, manifestações identificadas em cada um dos artigos científicos analisados, bem como sua aproximação ou não de um modelo alternativo de organização. Com base nisso, consequentemente, são apresentados comentários sobre limitações e possibilidades de uma ruptura efetiva com o modelo hegemônico de organização no contexto de tais artigos.

O artigo de Pimentel e Sampaio (2023) examina as práticas organizativas da Associação Acolhida na Colônia (AAAC), destacando a gestão coletiva e a participação ativa da comunidade na organização do turismo. Utilizando a Metodologia de Incubação de Demandas

Organizacionais/Territoriais, a AAAC sistematizou práticas ecossocioeconômicas que fortaleceram a coesão social e a valorização cultural local. O estudo menciona aspectos organizacionais como a qualidade de vida dos trabalhadores, mudanças organizacionais, a busca por autonomia, e a articulação público-privada, além de discutir a valorização do saber tradicional e a sazonalidade do turismo. A análise sugere que, enquanto alguns elementos rompem com lógicas tradicionais de organização, outros reforçam práticas empresariais convencionais. Em outro artigo, Pimentel et al. (2025) destacam que as práticas da AAAC contribuem para objetivos socioambientais, como a integração rural-urbana e a valorização da vida no campo. No entanto, o estudo também sugere que, apesar da lógica participativa da associação, ainda existem aspectos que vinculam suas práticas a concepções mercadológicas e calculistas tradicionais de organização.

O trabalho de Budel et al (2023) analisa o roteiro turístico organizado pelo Instituto Laurinda Amazônia em Mangabeira, identificando as dimensões simbólicas da hospitalidade centrada na casa de farinha. No trabalho delas, sobressaem-se aspectos relacionados à participação dos visitantes na acolhida, no processo produtivo da farinha a ser apresentada a eles. A preocupação com a preservação da cultura local ficou muito evidenciada, sendo bem frequente, no corpo do texto termos bem peculiares, como: caititu, tipiti, puba, tucupi, tracajá, dentre outros tantos, o que reforçam uma dimensão simbólica e mítica. Os dados e as discussões demonstram interesse em uma aproximação com práticas alternativas de organizar, que são obstruídas ao longo do processo.

Sarabia-Molina et al. (2022) analisaram a responsabilidade social no turismo rural em Santa Elena, Equador, buscando indicadores para o TBC. Embora a motivação inicial fosse ética, nem todos os moradores aderiram ao processo, com dependência de apoio governamental. O estudo abordou a diversidade de tarefas, empreendedorismo, cultura, tradição e organização tradicional, além de autogestão, capacitação e questões mercadológicas. Apesar das intenções alinhadas ao TBC, a autonomia e emancipação ainda enfrentam obstáculos significativos em termos de emancipação.

Izidoro e Schiavetti (2022) tratam dos benefícios associados à observação de peixes-boi na Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais. O objetivo foi determinar a disposição da comunidade e dos visitantes a pagar pela conservação do peixe-boi-das-Índias Ocidentais

(Trichechus manatus), identificar a receita proveniente da observação do peixe-boi e avaliar o bem-estar segundo os participantes desta atração. Dados revelaram que pouco menos da metade dos entrevistados estava disposto a contribuir para o fundo de conservação. As discussões se pautaram mais na lógica do cunho calculista dos dados, o que revela uma aproximação muito significativa de uma racionalidade instrumental, bastante consonante com modelo tradicional de organizar.

Oppliger e Oliveira (2022) investigaram o turismo como potencial para o desenvolvimento local na comunidade quilombola de Furnas dos Baianos, em Aquidauana (MS). A pesquisa contextualizou a atividade turística no âmbito municipal, explorou a visão da comunidade sobre o turismo e analisou a presença de empreendimentos turísticos na área. Os resultados revelaram que a comunidade percebe a articulação interinstitucional e a gestão pública e privada como insuficientes, o que dificulta a organização autônoma e emancipadora necessária para o desenvolvimento do turismo de base comunitária.

Martins e Futemma (2022) tiveram como foco analisar o TBC na perspectiva de jovens de uma comunidade Quilombola localizada na região do Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo. Mais especificamente, averiguaram se o TBC seria capaz de impulsionar os jovens quilombolas a contribuírem em ações efetivas e contínuas, tanto para a gestão do turismo, como para a conservação dos patrimônios. Este trabalho destaca o turismo como um bem comum, gerido pela própria comunidade. A juventude local desempenha um papel crucial na gestão e na tomada de decisões, garantindo a continuidade das tradições e a sustentabilidade das práticas turísticas. Talvez tenha sido o caso em que se percebeu uma maior aproximação com o que se entende por prática alternativa de organizar.

Proença e Netto (2022) analisam os impactos socioculturais do turismo na Comunidade Indígena Nova Esperança, destacando como a transição de práticas informais para um modelo estruturado de Turismo de Base Comunitária (TBC) trouxe desafios, como a comercialização da cultura e a gestão dos impactos socioculturais. A comunidade implementou estratégias de capacitação e gestão interna para controlar o fluxo turístico e preservar suas tradições. O estudo observa que a comunidade vivenciou uma fase de burocratização, que sucedeu um período mais flexível, caracterizado pela desestruturação.

O estudo de Almeida et al (2022) investigou a situação do ecoturismo nas unidades de conservação (UC) do Estado do Amapá, abordando a situação atual do ecoturismo,

possibilidades, acesso, obstáculos e controle nas UCs investigadas. Nos resultados, são apresentadas as pecariedades logísticas, a ausência de um plano de manejo, destacadas as potencialidades de certos produtos turísticos do Amapá, bem como contemplada a deficiência em termos de controle e fontes de fomento financeiros, que acaba por revelar um alinhamento expressivo com o modelo tradicional de organização.

Faxina et al (2021) analisaram a sustentabilidade ambiental da comunidade Ilha Mem de Sá, Sergipe, Brasil, com base em indicadores de sustentabilidade nas dimensões social, econômica e natural. Os autores de tal estudo, notaram um paradoxo entre os anseios da comunidade e a prática efetiva no âmbito da comunidade. Relatam uma série de limitações de infraestrutura que afronta um desejo legítimo da comunidade em fazer configurar no seu cotidiano um TBC, que oportunize uma vida mais digna para as pessoas que ali habitam, como emprego, renda, empoderamento e organização comunitária em favor de uma valorização de recursos naturais e culturais locais.

Já Vargas et al. (2020) exploraram o TBC como uma estratégia de desenvolvimento alternativo e emancipador, sob a ótica do "Bem Viver". O estudo propõe o TBC como uma alternativa ao modelo de desenvolvimento convencional, priorizando a harmonia entre humanos e natureza. A abordagem do "Bem Viver" enfatiza o bem-estar coletivo e a sustentabilidade ecológica, desafiando as lógicas de mercado tradicionais. A pesquisa aborda questões de poder, participação, carreira e mercado de trabalho, destacando o potencial das ecossocioeconomias para promover práticas turísticas inovadoras e questionar paradigmas estabelecidos. O estudo busca um modelo organizacional alternativo ao tradicional, que frequentemente se baseia em conceitos hierárquicos.

Barros e Rodrigues (2019) analisaram como a educação escolar diferenciada no território caiçara de Paraty contribuiu para o desenvolvimento do turismo, formando jovens conscientes da importância do TBC e fortalecendo a identidade cultural. A educação diferenciada capacitou os moradores para atuarem no turismo de forma sustentável e autônoma, enquanto a organização comunitária, marcada por associativismo, participação, capacitação e redes de apoio, permitiu enfrentar desafios, valorizar o conhecimento local e resistir a pressões externas. As práticas organizacionais incluem projetos de turismo sustentável e conservação, indicando uma aproximação com modelos alternativos de organização.

A partir dessa análise, algumas limitações ficaram notórias, sendo que, muito embora nem se configure TBC em alguns casos, os autores e as comunidades tendem a manifestar um descontentamento com a falta de infraestrutura e dificuldade encontrada na capacitação dos moradores locais. Por outro lado, emergiram muitas possibilidades, que se encontram pautadas na autonomia e no empoderamento local alicerçado nas várias nuances das culturas locais, que se manifestam como rica e reconhecida fonte de poder pelos moradores das comunidades em estudo. Percebeu-se não só os sujeitos das pesquisas analisadas, mas também os autores interpretam a necessidade de planejamento como algo fundamental, sendo que em nenhum dos trabalhos apresenta-se o improviso como alternativa de organização, ficando clara a busca por um alinhamento, uma organização tradicionalista de atuação.

4. Considerações Finais

Resgatando o objetivo deste estudo, pode-se dizer que, com exceção dos casos apresentados por Martins e Futemma (2022), Vargas et al (2020) e Barros e Rodrigues (2019), grande parte das práticas organizativas observadas nos casos se configuram de modo tradicional. Não só os autores, como também os membros das comunidades entendem mecanismos de planejamento e controle como uma forma de trabalho que possa viabilizar o TBC, o que é deverasmente paradoxal.

Um rígido alinhamento com políticas públicas, treinamentos direcionados, participação dissociada do poder de decisão são manifestações que acedem o alerta para polêmicas em torno de práticas ditas inovadoras, que não têm sustentação para estabelecer o julgamento ético e o caráter emancipatório das comunidades. Assim, frente a esse breve panorama, entende-se que uma compreensão criteriosa dos elementos organizacionais inerentes aos casos analisados favoreça a identificação da racionalidade que embebe suas práticas e, de forma mais minuciosa, a percepção de como se consolida a lógica de dominação, as questões de poder, a cultura em termos de conservadorismo ou inovação, a participação comunitária, a categorização das lideranças, as formas de comunicação, dentre outras facetas presentes nas relações.

Com isso, por mais que este estudo tenha se limitado a dados secundários, entende-se que possa vir a contribuir de forma significativa para os campos da administração e do turismo, no sentido de que lança um holofote para uma dimensão – a do organizar – nem sempre refletida

em termos de processo, o que pela lógica, vem comprometendo um turismo que, realmente, tenha como base aquilo é ontológico e fundamental para a qualidade de vida das comunidades.

Referências

ALMEIDA, L. M. L. D. de; FONTOURA, A. G. da C.; VASCONCELOS, I. M. de; BRITO, D. M. C.; HILÁRIO, R. R. Situação atual, atrações e obstáculos para o ecoturismo em áreas protegidas do Amapá, Brasil. Ambiente & Sociedade, v. 25, e00061, 2022. DOI: 10.1590/1809-4422asoc20220006r1OA.

BARCELLOS, Rebeca de Moraes Ribeiro de; DELLAGNELO, Eloise Helena do Livramento. REPOSICIONANDO NOSSAS CONCEPÇÕES SOBRE PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS: o circuito fora do eixo e práticas organizacionais contra hegemônicas. In: ENANPAD, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2013, Rio de Janeiro. Anais [...] . Rio de Janeiro: Anpad, 2013. v. 1, p. 1-16. Disponível em: https://arquivo.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MTU5MDA=. Acesso em: 29 mar. 2025.

BARROS, A. L. R. D.; RODRIGUES, C. G. D. O. Diferenciação da educação e turismo comunitário nos territórios caiçaras de Paraty (RJ). Ambiente & Sociedade, v. 22, e02951, 2019. DOI: 10.1590/1809-4422asoc0295r1vu19L1AO.

BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I.. Turismo de base comunitá ria: Diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. 501p.

BÖHM, S. Repositioning organization theory. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006.

BUDEL, L.; SEVERINI, V. F.; REJOWSKI, M. Dimensões da Hospitalidade no Turismo de Base Comunitária: simbologias, ritos e artefatos na casa de farinha em Mangabeira. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, [S. l.], v. 17, p. 2497 , 2023. DOI: 10.7784/rbtur.v17.2497. Disponível em: https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2497. Acesso em: 8 mar. 2025.

COELHO, Kellen da Silva. “Participação e ‘Não!’ ao Plano da CEPA”: uma análise das práticas organizativas de resistência à nova proposta de plano diretor apresentada pelo poder público de Florianópolis. In: ENANPAD, Não use números Romanos ou letras, use somente

números Arábicos., 2013, Rio de Janeiro. Anais [...] . Rio de Janeiro: Anpad, 2013. v. 1, p. 1-16. Disponível em: https://arquivo.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MTU5MDk=. Acesso em: 29 mar. 2025.

DUARTE, M.; ALCADIPANI, M. Contribuições do organizar (organizing) para os estudos organizacionais. O&S-Organizações & Sociedade, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016. DOI: 10.1590/1984-9230763.

FAXINA, Fabiana; FREITAS, Lara Brunelle Almeida; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. Sustentabilidade ambiental em comunidades de pescadores inseridas em destino turístico: o caso da Ilha Mem de Sá – Brasil. Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade, v. 10, n. 1, p. e16311, 2021. DOI: 10.5585/geas.v10i1.16311. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/geas/article/view/16311. Acesso em: 8 mar. 2025.

IZIDORO, F. B.; SCHIAVETTI, A. Associated benefits of manatee watching in the Costa dos Corais Environmental Protection Area. Frontiers in Marine Science, v. 9, art. 1002855, 2022. DOI: 10.3389/fmars.2022.1002855.

MARTINS, Mayara Roberta; FUTEMMA, Célia. O turismo como um bem comum e o papel da juventude em sua gestão no quilombo de Ivaporunduva no Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 59, 2022. DOI: 10.5380/dma.v59i0.76646. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/made/article/view/76646. Acesso em: 8 mar. 2025.

MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K.; BÖHM, S. A práxis da resistência e a hegemonia da organização. Organizações e sociedade, v. 15, n. 45, abr./jun. 2008.

OPPLIGER, E. A..; OLIVEIRA, A. K. M. Turismo como possibilidade econômica para o desenvolvimento sustentável da comunidade quilombola de Furnas dos Baianos, Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 18, n. 2, 2022. DOI: 10.54399/rbgdr.v18i2.6498. Disponível em: https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/6498. Acesso em: 8 mar. 2025.

PIMENTEL, Ricardo; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Contribuições para a Sistematização de Experiências Ecossocioeconômicas: Um Estudo na Associação Acolhida na Colônia Urubici. Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 177–193, 2023. DOI: 10.21664/2238-8869.2023v12i3.p177-

193. Disponível em: https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/6850. Acesso em: 8 mar. 2025.

PIMENTEL, Ricardo; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; ALBACH, Valéria de Meira. Diferença e unidade: as práticas da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia em Urubici. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 23, n. 1, p. 185-198, jan./mar. 2025. DOI: https://doi.org/10.25145/j.pasos.2025.23.012.

PROENÇA, A. R. G. B.; PANOSSO NETTO, A. Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança "Pisasú Sarusawa" (Rio Cuieiras - Amazonas). Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 16, p. 2408, 2022. DOI: 10.7784/rbtur.v16.2408. Disponível em: https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2408. Acesso em: 8 mar. 2025. SARABIA-MOLINA, M. Y.; SOARES, J. R. R.; LOIS-GONZÁLEZ, R. C. Innovations in Community-Based Tourism: Social Responsibility Actions in the Rural Tourism in the Province of Santa Elena–Ecuador. Sustainability, v. 14, n. 20, p. 13589, 2022. DOI: 10.3390/su142013589.

VARGAS, Rodrigo Cuevas; ZUÑIGA, Christian Henríquez; ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemer. Turismo de base comunitária: uma perspectiva desde o bem viver como alternativa ao desenvolvimento na América Latina e Abya Yala. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 54, 2020.